

## AS CONCEPÇÕES DA AFETIVIDADE E DA AVALIAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Maria das Neves Gonçalves (1); Maria Venâncio Lima (2); Pablo Eduardo Gonçalves Saturnino (3); Jackeline Sousa Silva (4).

mestre.neves@hotmail.com (1); mariavenancio01@gmail.com (2);  
pbes@hotmail.com (3); jackeliness23@hotmail.com (4).

**Resumo:** o presente artigo aborda as Concepções da Afetividade e da Avaliação no Ensino Superior, pois o ensino superior também requer uma didática afetiva e avaliativa. Esse, teve como objetivo estudar as formas de avaliação aplicada pelos professores, analisando a afetividade no contexto do ensino superior. Sendo utilizada a pesquisa de cunho exploratória e bibliográfica, a qual possibilita conhecer o objeto do estudo. Possuindo delineamento bibliográfico, com base nos teóricos da área como MIRANDA (2010); WALLON (1995); SILVEIRA (2014) e outros. Apresentando uma abordagem de caráter documental a fim de atingir os objetivos propostos desta pesquisa. Portanto, a partir da reflexão observou-se que é possível perceber a importância da afetividade e da avaliação durante todas as fases do ensino, sobretudo no ensino superior, e na perspectiva de conhecer um pouco sobre a temática é preciso práxis nos centros acadêmicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Avaliação. Educação. Afetividade.

### INTRODUÇÃO

Está na ordem do dia a discussão sobre a importância da avaliação e da afetividade, tanto na vida pessoal quanto profissional. No decorrer deste trabalho, destacaremos a afetividade no ambiente escolar, em especial no ensino superior; no envolvimento de sujeitos que vivenciam o processo educacional, sejam docentes, discentes, ou outros profissionais envolvidos no processo. A afetividade une essas pessoas e contribui para dar novos significados ao ato de educar. Nesta perspectiva abordaremos também o contexto da avaliação, tendo em vista sua relevância desde as séries iniciais até o ensino superior.

É comum no nosso cotidiano se perceber as variadas manifestações de sentimentos entre as pessoas. Por ora, destacamos a afetividade e a avaliação como eixos norteadores deste trabalho um trabalho. Assim, enfocando tais aspectos o trabalho está dividido da seguinte forma: no primeiro capítulo temos a introdução, a qual vem contextualizar a temática de forma geral.

Nos capítulos seguintes teremos abordagens sobre a Afetividade e avaliação de um modo geral e no Ensino superior; explicitando teoricamente que afetividade contribui para o sujeito aprender de forma eficaz. Esta pesquisa também refletirá a relevância da afetividade nos debates; instigação para os estudantes expressarem seus pontos de vista sobre a realidade atual. Além do mais, como acontece a avaliação nos centros acadêmicos, considerando vários autores que abordam a temática da avaliação e da afetividade.

Portanto, trata-se de um artigo que buscar explicar e compreender como as metodologias no ensino superior precisam ser inovadas, para melhor dar sentido as aprendizagens e garantir a sustentabilidade da função social do centro acadêmico.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Afetividade no contexto geral

Alguns elementos contribuem para a excelência do desenvolvimento do trabalho educativo. Dentre os elementos, destacamos que “o plano da emoção acolhe os mais diferentes e importantes fenômenos, como a alegria, o medo, a tristeza, a ira e o afeto” (MIRANDA, 2010, p. 54).

A afetividade contribui para encher de sentidos e significados toda e qualquer ação educativa realizada com crianças. Recorremos a etimologia da palavra para elucidar o significado de afeto:

afeto, vem do latim *affectus*, corresponde no português a “sentimento de amizade”, “afeiçoado a”, “carinho”, “afabilidade”. Assim, quando pensamos em “afeição” vem-nos à mente imagens relacionadas a cuidado, acolhimento, aceitação, afago (MIRANDA, 2010, p. 50).

Sendo assim, a afetividade deve estar diretamente relacionada ao ato de educar. Não se educa sem amor e nem tampouco sem afeto. Estes elementos são indispensáveis ao desenvolvimento do trabalho educativo, seja com crianças, jovens, adolescentes, adultos, enfim, para toda e qualquer ação humana exitosa, há a necessidade de dispor de afeto, seja para trabalhar com seres humanos, animais ou para operar máquinas. O afeto é uma diretriz para o homem se sentir bem naquilo e com aquilo que faz, age ou interage. E por que não aplicar no ensino superior? Em todos os níveis educamos pessoas com sentimentos.

Vários estudiosos debruçaram-se sobre o tema afetividade e educação, para explicar que muitos estudos foram desenvolvidos elucidando esta relação e apresentando subsídios para o fortalecimento da mesma. Dentre os estudiosos destacamos Henri Wallon (1995), um dos mais renomados estudiosos da área. Segundo o autor pode-se citar:

o afeto é essencial para todo o funcionamento do nosso corpo nos dando coragem, motivação, interesse, e contribuindo para nosso desenvolvimento. E é pelas sensações que o afeto nos proporciona que sabemos quando algo é verdadeiro ou não. Principalmente para a criança o afeto é importantíssimo, pois ela precisa sentir-se segura para poder desenvolver seu aprendizado, e é necessário que o professor tenha consciência de como seus atos são extremamente significativos nesse processo, porque essa relação aluno-professor é permeada de afeto, e as emoções são estruturantes da inteligência do indivíduo (WALLON, 1995 apud SILVEIRA, 2014).

Ao longo da história da educação percebe-se o valor e qual lugar a afetividade tem feito parte, em diferentes momentos históricos da nossa sociedade, e principalmente quem eram os sujeitos envolvidos no processo, mas pouco se aplicou na educação.

Para o estudioso Henri Wallon (1995), “a afetividade na criança é considerada mais que uma dimensão pessoal, é entendida como uma etapa do desenvolvimento” (WALLON, 1995 apud SILVEIRA, 2014). Para superação da relação vertical entre professor e aluno, as interações são de extrema importância. Para que se efetivem o professor precisa reconhecer a afetividade como uma etapa de desenvolvimento pela qual a criança passa e consegue desenvolver sua interação social, autoestima e confiança. Neste sentido, nos demais níveis de ensino isso não deve ser ignorado.

Sabe-se que segundo Paulo Freire, o ato educativo está permeado de intencionalidade, ou seja, trata-se de um ato político, em que não cabe a neutralidade. Os objetivos educacionais por sua vez “são definidos em função das finalidades propostas e em função do contexto social, político, econômico e escolar” (VALE, 1995, p. 47).

Para o desenvolvimento do trabalho pedagógico “um educador deve ter claro os objetivos e finalidades que pretende atingir, o tipo de homem que quer formar e em função de que interesses quer educar” (VALE, 1995, p. 46).

Não podemos falar em afetividade sem relacionar esta ação a postura profissional docente seja no ato de ensinar ou de avaliar os aprendentes. “Quando o professor é profissional competente, desperta o interesse do aluno pela

aprendizagem, tem facilidade de comunicação, desenvolve conteúdos significativos e compreensíveis, mantém os alunos em atividade” (VALE, 1995, p. 10). O que não invalida uma prática afetiva e permeada de intencionalidade pedagógica.

Ainda diz, Paulo Freire, em sua obra, *Importância do Ato de Ler*, afirma que” a leitura do mundo precede a leitura das palavras. ” É uma verdade para afirmar que os alunos para que possam ler as palavras terão que realizar a leitura do mundo social, e isto, inclui a leitura do ser social em suas dimensões afetivas, de como se relaciona com seus pares.

Portanto, a educação se faz com as leituras e com afetividade. Por exemplo, a criança na escola, inicia-se um processo formal de alfabetização, mas não estão descartadas as compreensões prévias dessa criança, já os adultos são leituras do contexto em toda as dimensões. Sendo a partir delas suscitados novos desafios educativos que serão postos e vivenciados por elas em forma de experiências significativas e permeadas de afetividade pelo professor (a).

### **Afetividade na Escola**

Salientamos que atuar na educação, seja na docência, coordenação, gestão ou outro segmento afim, exige-nos saberes cada vez mais amplos e variados. Não apenas pelo contexto social atualmente da escola pública, mas também, por evidenciarmos inúmeras dificuldades no cotidiano das escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas.

A aprendizagem não ocorre unilateral. Todos os sujeitos envolvidos estão trocando experiências e aprendendo. Porém, a aprendizagem em sentido amplo se dá para todos os envolvidos e mobiliza saberes variados que interagem com a cultura nacional como também privilegia os saberes de cada região. Sendo assim, Gabriel Chalita afirma que:

o processo de aprendizagem tem de ser permanente. É um processo do professor e do aluno, que faz com que a educação não se reduza a meros conteúdos decididos por pessoas distanciadas das peculiaridades regionais e culturais, conteúdos incutidos de forma autoritária. (CHALITA, 2001, p. 65).

Sabe-se que as experiências de aprendizagem podem e devem ter como um dos fundamentos a afetividade no desenvolvimento das relações entre os sujeitos envolvidos, por isso cada prática docente deve ser avaliada. Seria um equívoco



remeter apenas a educação infantil a relação de afeto entre professor e aluno, pois, sabe-se que a criança em toda sua trajetória escolar necessita de afeto por parte de seus educadores tanto para a aprender, quanto para sua formação pessoal. Por isso Miranda destaca que:

a afetividade é um pré-requisito para a inteligência, desde a tenra idade. É o psicólogo suíço Jean Piaget quem ressalta que na relação entre inteligência e afeto, o afeto produz ou pode produzir o desenvolvimento de importantes estruturas cognitivas. Alerta, ainda, que a condição do afeto pode retardar ou acelerar a formação de tais estruturas (MIRANDA, 2010, p. 55-56).

E por que não continuar a manter o afeto em toda a educação básica? No ensino superior? Tendo em vista que o afeto está permeado de cuidados e pouco é percebido no Ensino Fundamental II e outros níveis, vem se esvaindo a cada ano que se passa até chegar até uma formação inicial. Pois “receber ou doar afeto representa uma situação de abertura, de sujeição ao ato afetivo” (MIRANDA, 2010, p. 50).

É fundamental que os professores valorizem a afetividade no desenvolvimento de sua prática pedagógica. Paulo Freire salienta:

na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente e afetividade*. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar (FREIRE, 1996, p.141).

Porém, mesmo havendo memórias negativas, marcadas por práticas autoritárias e não libertadoras, por outro lado, evidencia-se ainda recordações de boas práticas pedagógicas, práticas afetivas durante a trajetória escolar. Nesse sentido, Edgar Morin salienta que “há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo *déficit* de emoção;” (MORIN, 2011, p. 20).

Ao refletir as ideias de MORIN, pode-se cogitar que as práticas afetivas recordadas causam nostalgia, pela simples lembrança de como aquele (a) professor (a) conduzia o processo ensino-aprendizagem com o afeto que permitia a reciprocidade deste sentimento por parte de seus alunos no desenvolvimento do processo educativo.

Mesmo diante dos desafios enfrentados diariamente na busca de reeducar as famílias e educar as crianças, a escola busca desenvolver de seu Projeto Político Pedagógico contextualizando com a realidade social e conscientizando as famílias de seu papel na educação das crianças, discutindo sobre a ética, os valores e as regras do convívio social. Isto contribuirá para professores mais afetivos.

Ademais, o trabalho docente recebe inúmeras influências internas e externas. Pois são muitos os determinantes que irão incidir sobre os currículos e/ou programas que estiverem sendo desenvolvidos com os estudantes. Determinantes culturais, epistemológicos, econômicos, sociais, políticos e principalmente emocionais. Pois, “a educação é um processo que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa frutificar” (CHALITA, 2001, p. 154).

Para o professor desenvolver uma prática pedagógica pautada nos quatro pilares da educação, sejam eles: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser”; faz-se necessário, não apenas conhecê-los por leituras do livro organizado por Jacques Delors, Educação: um tesouro a descobrir, mas principalmente por praticar esses saberes no seu cotidiano e refletir sobre eles.

“Dentre os pilares destaca-se o “aprender a ser”, que talvez, seja o mais importante por explicitar o papel do cidadão e o objetivo de viver” (RODRIGUES, 2014, p. 1). Reafirmando o desafio da escola atualmente no sentido de formar e educar cidadão críticos e comprometidos socialmente.

Sabe-se que, o corpo docente das escolas ou universidades são formados por profissionais qualificados que refletem sobre suas práticas e buscam estratégias para superação dos desafios encontrados diariamente, sempre em parceria com a gestão e a comunidade escolar. Compreendendo que “o aluno tratado com respeito, tendo valorizada sua história de vida, sente-se amado, querido na escola em que estuda. O aluno é a esperança de tempos melhores para este país doente” (CHALITA, 2001, p. 161).

Freire (1996, p. 145) enfatiza, “como prática estritamente humana jamais pode entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista”. Nesse sentido percebe-se que não há educação sem

afetividade, pois ambas estão interligada e operam em sentidos iguais na formação das crianças.

### **A afetividade no Ensino Superior**

Sendo a afetividade um tema trabalhado desde a educação infantil, no ensino superior podemos destacar a mesma como um fator primordial inserido no meio social motivando assim a aprendizagem, independentemente da idade em que o aluno esteja, ou da modalidade de ensino que o mesmo se insira. Deste modo, Chalita (2004) vem destacar três pilares primordiais para a educação, “a habilidade cognitiva, a habilidade social e a habilidade emocional”, vindo destacar que a habilidade emocional como a mais importante pelo fato de aprimorar as habilidades anteriores.

No contexto do ensino superior podemos ter a questão do respeito aos princípios éticos, na perspectiva de que o direito de expressão é bem mais abrangente que nas demais modalidades de ensino, este fator também pode contribuir no que chamamos de afetividade, tendo em vista que o educador precisa respeitar a autonomia dos educandos. No entanto, não precisa ocultar seu ensinamento, o dialogo neste sentido é sempre viável para avaliar e ensinar novos saberes nos centros acadêmicos.

Portanto, cabe ao professor ser o elo, despertando assim a criticidade do aluno, neste contexto Freire (2009, p. 59-60) enfatiza que:

o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever e propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2009, p. 59-60).

Neste contexto, o aluno passa a ver o professor como um verdadeiro elo e assim os saberes passam a ser perpetuados e a aula se torna bem mais dinâmica através de uma pratica comunitária, assim, Hoffman (2007, p. 38), destaca:

[...] a construção do conhecimento pelo educando se dá de forma dinâmica e progressiva, não havendo início, meio ou fim nesse processo. Cada hipótese construída pelo aluno estará constantemente sendo refutada por ele, ampliada, complementada a partir de suas experiências de vida, do seu desenvolvimento geral, das provocações intelectuais sofridas dentro e fora da escola.

Assim, a troca de informações precisa ser recíproca, e o conhecimento seja disseminado, na perspectiva que o verdadeiro propósito do saber e o da afetividade contribua e o aluno seja privilegiado com o professor alicerçado em teorias e práticas de educação de qualidade, seja no âmbito da pesquisa ou até mesmo como professor – educador.

## **A avaliação**

A avaliação em seu contexto geral é um tema bastante abrangente, a qual vem perpassar por diversos enfoques, tendo em vista que somos avaliados em diversas situações da nossa vida, deste modo somos julgados muitas vezes por diversos aspectos seja na vida escolar, no local de trabalho ou em qualquer outra atividade que desempenhamos.

Para tanto, vale destacar a concepção de Belloni (2001, p.14), que destaca o sentido de avaliar como:

uma ação corriqueira e espontânea realizada por qualquer indivíduo acerca de qualquer atividade humana; é assim, um instrumento fundamental para conhecer, compreender, aperfeiçoar e orientar as ações de indivíduos ou grupos. É uma forma de olhar o passado e o presente sempre com vistas ao futuro. Faz parte dos instrumentos de sobrevivência de qualquer indivíduo ou grupo, resultado de uma necessidade natural ou instintiva de sobreviver, evitando riscos e buscando prazer e realizações.

Sendo esta muito complexa, só nos resta pensar bem antes de avaliar algo ou alguém, para que a prática não seja injusta. No caso da avaliação escolar cabe ao professor alguns aspectos para avaliar seu aluno. Assim, Libâneo (1994, p.195), enfatiza que “[...] a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas.

Para complementar esta discussão Luckesi (1990, apud Cocco; Sudbrack, 2012, p.4)

[...] avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu



consequente projeto de ensino. A avaliação, tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si; ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido.

Neste sentido, cabe ao educador avaliar o aluno de forma qualitativa, avaliando diversificados aspectos no dia a dia dos alunos. Assim, apresentaremos o quadro abaixo, o qual apresentará as funções da avaliação por meio da classificação de Bloom (1993) na perspectiva de alguns autores.

<b>AUTOR</b>	<b>DIAGNOSTICA/ DIAGNOSTICAR</b>	<b>FORMATIVA/ CONTROLAR</b>	<b>SOMATIVA/ CLASSIFICAR</b>
<b>Haidt</b> 1995 (Bloom)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o aluno: bagagem cognitiva, habilidades.</li> <li>- Identificar dificuldades de Aprendizagem (causas).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se os objetivos foram atingidos.</li> <li>- Informar sobre progressos e dificuldades.</li> <li>- Retroalimentação.</li> <li>- Objetivo: aperfeiçoar o processo e dar condições de êxito.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o aluno: classifica segundo nível de aproveitamento.</li> <li>- Caráter seletivo e competitivo.</li> </ul>
<b>SanfAnna</b> 1995 (Bloom)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Determinar a presença ou ausência de conhecimentos, habilidades, pré-requisitos.</li> <li>- Sondagem da situação do desenvolvimento do aluno. Ver o que aprendeu e o que não aprendeu.</li> <li>- Objetivo: reajustar a ação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Localizar as deficiências na organização do ensino.</li> <li>- Indicar como os alunos estão se modificando.</li> <li>- Objetivo: tomar decisões.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Classificar segundo nível de aproveitamento, segundo rendimento.</li> </ul>
<b>Lian Sousa in Souza</b> 1993 (com base em vários autores, inclusive Bloom)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caracterizar o aluno quanto a interesses, necessidades e habilidades.</li> <li>- Identificar causas das dificuldades de aprender.</li> <li>- Objetivo: replanejar o trabalho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Favorecer o desenvolvimento individual, estimular crescimento e capacidade de auto avaliar-se.</li> <li>- Controlar a eficácia dos planos e eficiência dos métodos.</li> <li>- Verificar alcance dos objetivos.</li> <li>- Objetivo: tomada de decisões.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Classificar o aluno de acordo com nível de aproveitamento (no final).</li> </ul>
<b>Diniz</b> 1982 (Bloom)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Determinar as habilidades iniciais, requisitos prévios, caracterizar interesses, personalidade, atividades.</li> <li>- Descobrir causas e deficiências da aprendizagem.</li> <li>- Objetivo: tomar medidas terapêuticas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação sistemática para precisar o grau de domínio da aprendizagem.</li> <li>-Feedback contínuo, alerta.</li> <li>-Verificar falhas (sem notas).</li> <li>- Recuperação imediata, imprescindível.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Classificar o aluno segundo o nível de aprovação expresso em notas. Produto final.</li> </ul>

Quadro 1 – Modalidade/função da avaliação

Neste contexto, cabe ao educador conhecer sua turma para que o processo avaliativo seja realizado de maneira eficiente. Assim, a avaliação sendo realizada de forma imparcial o resultado da turma tende a crescer, e, assim o que chamamos de afetividade entre aluno e professor tende a ser cada dia mais recíproco.

### **A Avaliação no contexto do Ensino Superior**

O termo avaliação vem se tornando no decorrer dos anos cada vez mais discutido e, quando se refere ao ensino superior podemos perceber os instrumentos (testes, provas e relatórios e outros) são os mesmos dos níveis anteriores de ensino; vem se adequando a realidade atuais, assim como aborda, Bloom, Hastings & Madaus, (1983apud Gil (1993):

durante muitos séculos, a educação deu ênfase, no mundo inteiro, a uma função seletiva. Admitia-se que apenas o indivíduo raro é que se encontrava apto para concluir a escola secundária ou para ingressar numa universidade e completá-la. Assim, grande parte da energia dos professores e administradores foi despendida em determinar quais os alunos que deveriam ser eliminados em cada uma das etapas do processo educacional.

Nos dias atuais o processo já acontece de forma bem mais dinâmica no contexto universitário, onde a figura do professor passou a ser considerado como mediador de informações, o mesmo possui o papel de tornar seus alunos mais críticos e dinâmicos. O incentivo a pesquisa também vem crescendo neste meio. Em meio a esta perspectiva podemos destacar o pensamento de Vasconcelos (2000, p. 59) ao afirmar que:

[...] a avaliação sempre faz parte do processo de ensino-aprendizagem, pois o professor não pode propiciar a aprendizagem a menos que esteja constantemente avaliando as condições de interação com seus educandos. Está relacionada ao processo de construção do conhecimento [...] pela avaliação, o professor vai acompanhar a construção das representações no aluno, percebendo onde se encontra (nível mais ou menos sincrético), bem como as elaborações sintéticas, ainda que provisórias, possibilitando a interação na perspectiva de superação do senso comum.

Neste contexto, na universidade podemos perceber a chamada avaliação formativa, na qual o aluno tem a possibilidade de questionar e expor seu ponto de

vista, cabendo ao professor esta análise para uma melhor avaliação. Assim, poderia avaliar com afetividade para que os estudantes obtivessem um ensino mais significativo.

## **METODOLOGIA**

O estudo se estabelece na pesquisa bibliográfica e exploratória ao proporcionar maior familiaridade com o problema e na constituição de hipóteses que, de acordo com Gil (2006), tem como objetivo a aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições e amplia-se com a pesquisa qualitativa, com o intuito de promover a qualidade e a importância do objeto a ser analisado.

Foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pois nela é considerada uma série de etapas, desde a natureza do problema à redação do texto, neste tipo de estudo, após a escolha do tema o pesquisador tem a tarefa de fazer um levantamento bibliográfico preliminar, a formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto, com base em materiais já publicados (GIL, 2006).

A pesquisa tem caráter documental no intuito de levar um debate constante aos professores que atuam no ensino superior. E foi com base em leituras e pesquisas bibliográficas que o artigo foi escrito considerando, várias fontes, tanto sobre afetividade como sobre avaliação-ambas temáticas em pauta na educação da contemporaneidade. A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados com os objetos de pesquisa (GIL, 2006).

O método utilizado foi o indutivo, pois, baseia-se em estudos que não exercem totalmente análises críticas e onde o pesquisador lida com fontes informacionais deixando-o encarregado de suas próprias conclusões no estudo. E como foi um artigo apenas para reflexão de profissionais que atuam na educação não há análise de resultados.

Portanto, trata-se de uma pesquisa em andamento com o propósito de aprofundamento de investigação em campo. Quais os limites e possibilidades da prática da efetividade e de uma avaliação mais preciso no ensino superior? O pesquisador não responde as suas inquietações apenas com explicação em teorias, é preciso a prática pertinente para mudar a realidade educacional do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a importância da afetividade no período escolar, visando um melhor desempenho na aprendizagem, compreende-se a necessidade de suas práticas, com foco na interação professor/aluno. A qual contribui para que o professor possa compartilhar seus conhecimentos e os alunos consigam assimilá-los satisfatoriamente, tendo em vista a importância da mesma também para a avaliação. Onde ambas podemos destacar como um processo contínuo, sabendo que de acordo com as experiências de aprendizagem, a afetividade é essencial no desenvolvimento das relações entre os sujeitos envolvidos.

Sabe-se que a efetivação da relação professor- aluno promove não apenas alcance dos objetivos pedagógicos elementares. Esta relação favorece o processo de formação cidadã do indivíduo e o exemplo que tem de seu professor é levado para toda sua vida. E na universidade cabe a função social de ensinar, instruir e fazer a extensão, portanto, a formação inicial é relevante.

É necessária uma nova postura de professores, principalmente aqueles que atuam diretamente no processo de “formar cidadãos críticos e humanizados”, é preciso dar condições de uma cultura educacional sustentável, no sentido de escutar, além de ouvir, de avaliar, além de classificar, nossos ensinantes e aprendentes.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, Isaura; MAGALHÃES, Heitor de; SOUSA, Luzia Costa de. **Metodologia de avaliação em políticas públicas**: uma experiência em educação profissional. São Paulo: Cortez, 2001.

BLOOM, BS. HASTINGS, T, MADAUS, G. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Pioneira, 1993.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação: a solução está no afeto**, São Paulo, Editora Gente, 2001 1ª edição, 2004 edição revista e atualizada.

COCCO, Eliane Maria; SUDBRACK, Edite Maria. **Avaliação no contexto escolar: regulação e/ ou mancipação**, URI, 2012.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos & Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação.** 10. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MIRANDA, Simão de. **Afetividade e autoestima da criança.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

SILVEIRA, Elisete Avila da. **A importância da afetividade.** Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-da-afetividade-na-aprendizagem-escolar-o-afeto-na-relacao-aluno-professor>>. Acesso em 04 de set. 2014.

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Os quatro pilares de uma educação para o século XXI e suas implicações na prática pedagógica.** Disponível em: <[http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao\\_artigo.asp?artigo=artigo0056](http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0056)>. Acesso em 30 de set. 2014.

VALE, Maria Irene Pereira. **As questões fundamentais da didática: enfoque político-social construtivista.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1995.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar.** 11 ed. São Paulo: Libertad, 2000.